



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



JULIANA RODRIGUES DOS SANTOS

A INFLUÊNCIA DAS RELIGIÕES CRISTÃS NOS HÁBITOS DE LEITURA

Rio de Janeiro

2013

JULIANA RODRIGUES DOS SANTOS

A INFLUÊNCIA DAS RELIGIÕES CRISTÃS NOS HÁBITOS DE LEITURA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a): Frederico Antonio de Azevedo Carvalho

Rio de Janeiro

2013

S237i Santos, Juliana Rodrigues dos.

A Influência das religiões cristãs nos hábitos de leitura./ Juliana Rodrigues dos Santos. – Rio de Janeiro, 2013.

30 f. : il.

Orientador: Frederico Antonio Azevedo de Carvalho
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) –
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação,
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Religiões Cristãs. 2. Leitura. 3. Reforma Protestante. I. Carvalho,
Frederico Antonio Azevedo de. II Título.

CDU: 27-534.4

Juliana Rodrigues dos Santos

A Influência das religiões cristãs nos hábitos de leitura

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em:

Frederico Antonio Azevedo de Carvalho

D. Sc. em Ciências Econômicas

Orientador

Mariza Russo

D. Sc. em Engenharia de Produção

Prof. Convidada

Maria das Graças Freitas Souza Filho

M. Sc. em Ciência da Informação

Prof. Convidada

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha família, em especial, ao meu noivo Julio Cesar, pelo apoio, carinho e consolo nas horas difíceis, e pela ajuda com as tecnologias que não domino. Você é maravilhoso!

Aos meus pais, por me ensinarem que nada que eu fizer será bom o bastante, eu sempre poderei fazer melhor.

Ao orientador Frederico Antônio de Carvalho, pelo apoio e conhecimento transmitidos.

Às professoras Mariza Russo e M^a das Graças Souza Filho, não só por terem aceitado fazer parte da banca avaliadora, mas por terem se disposto a conversar e opinar sobre o trabalho.

Ao professor Sebastião Amoedo que foi de grande ajuda no início deste projeto, mesmo eu tendo optado por seguir um caminho diferente, sou grata por sua orientação.

Às colegas Amanda Braz, Ana Paula Delduque, Kamilla Madureira e Andressa Moreira, pela ajuda na distribuição dos questionários, essenciais para a realização deste trabalho.

Ao Dr. José Marcos, por ter, tão pacientemente, ouvido minhas reclamações, e me incentivado a seguir em frente.

A todos os que se dispuseram a responder ao questionário, aos que me apoiaram e ajudaram, mesmo que indiretamente.

Nada disso seria possível sem vocês, muito obrigada!

SANTOS, Juliana Rodrigues. **A Influência das religiões cristãs nos hábitos de leitura**. 2013. 20p. Monografia (Graduação em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RESUMO

A influência que as religiões exercem sobre a cultura e os hábitos de vida de seus fiéis é inegável; por este motivo, é que o presente trabalho tem por objetivo o estudo das religiões cristãs com maior número de adeptos no Brasil atualmente – evangélicas e católicas – e como estas podem influenciar os hábitos de leitura de seus fiéis. O estudo parte da hipótese de que existe uma diferença entre as religiões evangélicas e católicas quanto à influência no hábito da leitura, diferença que vem desde a Reforma Protestante, no século XVI, devido à defesa, por parte das religiões ditas protestantes – atualmente chamadas evangélicas –, da livre interpretação dos escritos religiosos. Foi realizada uma breve revisão de literatura para averiguar o que já foi escrito sobre a relação entre religiões e leitura, além de uma revisão histórica com objetivo de compreender a Reforma Cristã mencionada. Foi elaborado um questionário, a ser aplicado pelo autor, com amostras iguais de fiéis das igrejas citadas, divididos em três grupos: católicos, evangélicos tradicionais e evangélicos pentecostais. As amostras foram selecionadas por conveniência de acesso. Pretende-se estudar se a diferença histórica que influenciou o rompimento entre as igrejas no passado ainda é observada atualmente. Os dados foram, em seguida analisados, utilizando-se o método qui-quadrado, para determinar se existe associação evidente entre as respostas. A partir desta análise foi possível perceber associações relevantes entre a religião do respondente e sua frequência de leitura da Bíblia, e entre a religião do mesmo e sua participação em rodas de leitura e discussão na Igreja. Pelas respostas obtidas foi possível concluir então que de fato existe, ainda hoje, uma diferença entre as igrejas católicas e evangélicas no que diz respeito à leitura de textos religiosos por seus fiéis, confirmando a hipótese inicialmente proposta, porém essa diferença não é observada com relação a materiais não religiosos, o índice de leitura de textos laicos em seus diversos suportes foi alto para todos os grupos analisados.

Palavras Chave: Religiões. Hábitos de leitura. Reforma Protestante.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1	Desdobramentos da Igreja evangélica no Brasil	11
Quadro	Associações entre Religião e Hábitos de Leitura	18
Tabela 1	Frequências e percentagens da relação entre o grupo religioso frequentado e a frequência de leitura da Bíblia e outro textos religiosos	19
Figura 2	Gráfico Religião x Frequência de leitura da Bíblia	20
Tabela 2	Frequências e percentagens da relação entre o grupo religioso frequentado e a participação em rodas de leitura e discussão dentro da Igreja	21
Figura 3	Gráfico Religião x Participação de rodas de leitura e discussões	21

SUMÁRIO

1	<u>INTRODUÇÃO</u>	7
2	<u>OBJETIVOS</u>	9
2.1	OBJETIVO GERAL	9
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
3	<u>REVISÃO DE LITERATURA</u>	10
3.1	CRISTIANISMO: CATÓLICOS E EVANGÉLICOS	10
3.2	RELIGIÃO E A LEITURA	13
4	<u>METODOLOGIA</u>	16
5	<u>RESULTADOS</u>	18
5.1	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	19
5.1.1	Igreja que frequenta e a leitura da Bíblia por conta própria	19
5.1.2	Igreja que frequenta e a participação em rodas de leitura e discussões	20
5.1.3	Demais associações	22
6	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	23
	<u>REFERÊNCIAS</u>	24
	<u>ANEXOS</u>	26

1 INTRODUÇÃO

O poder da religião vem de longa data. Acusada de separar povos e de determinar decisões importantes para a humanidade, a religião é definida no dicionário como: “culto rendido à divindade; Fé, convicções religiosas, crenças; Tendência para crer em um ente supremo.” (HOLANDA, 2010)

O conhecimento popular nos diz que o homem teme o desconhecido, se, a este temor, somarmos a curiosidade inerente ao ser humano, isso faz com que a maioria de nós, busque algo no que acreditar. Neste contexto, a religião se mostra como principal detentora das respostas para o que não pode ser explicado cientificamente. E como ainda existem inúmeras questões não explicadas pelo homem, a religião é a resposta para muitas delas.

Cada religião tende a acreditar que a sua crença é a única que responde as perguntas geradas pela mente humana e que ainda não foram, ou não podem ser, respondidas pela ciência. Algumas delas, inclusive, tem ideias conflitantes com a ciência, entretanto, este não é o foco deste trabalho. Sendo assim, para que a sua religião seja promovida e ganhe força perante a sociedade, existe a necessidade de transmiti-la para o próximo. Essa transmissão é realizada principalmente pelos cultos, - em algumas religiões estes recebem nomes específicos – que são reuniões periódicas entre membros de uma religião para disseminar, estudar ou aprofundar o seu conhecimento dos conceitos abordados em suas respectivas escrituras.

Podemos dizer, então, que as escrituras, que transmitem o conhecimento e a sabedoria promovidos pelas religiões, realizam papel importante na determinação dos saberes e da cultura de determinada população. Assim, é possível concluir que, de uma forma ou de outra, as religiões acabam por incentivar a leitura. Tal incentivo poderia se mostrar de forma a gerar hábitos de leitura nos seguidores, mesmo que restritos ao material utilizado comumente pela sua religião.

Pensando dessa forma, podemos nos questionar se, de fato, a religião escolhida influencia nos hábitos de leitura. Historicamente, existem algumas divergências entre os hábitos de leitura propagados entre as religiões. Segundo Santos (2012), “[...] para os luteranos, havia a necessidade de ensinar desde cedo a leitura e a escrita para as crianças, pois elas precisavam sozinhas conhecer o conteúdo da Bíblia e participar dos ritos comunitários.” Sendo o luteranismo o berço das religiões evangélicas atuais, já temos um ponto contrastante em

relação ao Catolicismo, que segundo este mesmo autor, nos seus primórdios não incentivava tais hábitos de leitura, já que os sacerdotes indicavam uma interpretação das escrituras a ser seguida pelos fiéis.

Analisando este contexto e levando em conta que no Brasil, de acordo com o Censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 90% da população segue alguma religião, podemos perceber a influência que esta pode causar na cultura de nosso país. Dessa forma, é destacada a importância de estudar mais profundamente a hipótese de que se a religião de fato influencia nos hábitos de leitura da população, e como é essa influência.

Para fins acadêmicos e levando em consideração os recursos disponíveis, este trabalho se propõe a investigar no município do Rio de Janeiro a existência de influência por parte das religiões nos hábitos de leitura da população, realizando pesquisa de cunho quantitativo, para, posteriormente, analisar os resultados obtidos e gerar uma resposta para a questão aqui levantada.

2 OBJETIVOS

Os objetivos que norteiam este trabalho estruturam-se em geral e específicos e são explicitados a seguir:

2.1 OBJETIVO GERAL

Determinar se existe relação entre as principais religiões cristãs - evangélicas e católica - professadas no Brasil e os hábitos de leitura de seus fiéis.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Levantar os hábitos de leitura dos fiéis das igrejas estudadas através da aplicação de questionários;
- Verificar se as igrejas estudadas incentivam, direta ou indiretamente, a leitura de textos religiosos e laicos entre seus fiéis;
- Comparar os resultados obtidos entre as igrejas católicas e evangélicas;
- Determinar se a diferença histórica com relação à leitura ainda é mantida.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo pretende fazer uma breve revisão de literatura sobre a história da ruptura entre as religiões cristãs: católica e protestantes, atuais evangélicas, e apontar as principais diferenças existentes entre as duas, além de rever o que já foi escrito a respeito da relação entre religiões e leitura.

3.1 CRISTIANISMO: CATÓLICOS E EVANGÉLICOS

É bem conhecido o domínio da Igreja Católica durante o período Medieval – principalmente o período conhecido como Baixa Idade Média (Séculos X a XV) – e boa parte da Idade Moderna, que tinha grande influência sobre a sociedade e a política em praticamente toda a Europa. Pode-se dizer que, antes da ocorrência da Reforma Protestante do Século XVI, o Catolicismo era a religião mais representativa no mundo Ocidental, sendo uma das características desta religião, na época anterior à Reforma, a dificuldade de acesso aos textos e escrituras religiosas, pois estes eram escritos em latim, língua inacessível para a maior parte da população da época. Além do fato de, até o século XV, os livros serem manuscritos, difíceis de copiar, e por este motivo, caros demais para serem lidos por grande parte da população que, em geral, era analfabeta.

Considera-se que a chamada Reforma Protestante, começa quando, “no dia 31 de outubro de 1517, diante da venda das indulgências [...], Lutero afixou à porta da igreja de Wittenberg as suas *Noventa e Cinco Teses*, a maneira usual de convidar-se uma comunidade acadêmica para debater algum assunto.” (MATOS, 2011). A Reforma proposta por Martinho Lutero, além de criticar a venda de indulgência, como já citada, criticava, entre outros fatores, a impossibilidade da livre interpretação das escrituras pelos fiéis, já que praticamente todos os textos religiosos eram escritos em língua acessível apenas ao Clero e alguns nobres, sendo a interpretação destes textos por não-religiosos desaconselhada pela Igreja Católica.

A Reforma destrói a crença (concretamente ilusória, pois jamais existente) da unidade da fé cristã, dos dogmas e cerimônias, e sobretudo da autoridade religiosa: questiona-se a autoridade papal e episcopal, questiona-se o privilégio de somente alguns poderem ler e interpretar os livros Sagrados, questiona-se que Deus tenha investido o papado do direito de ungir e coroar reis e imperadores, questionam-se dogmas e ritos

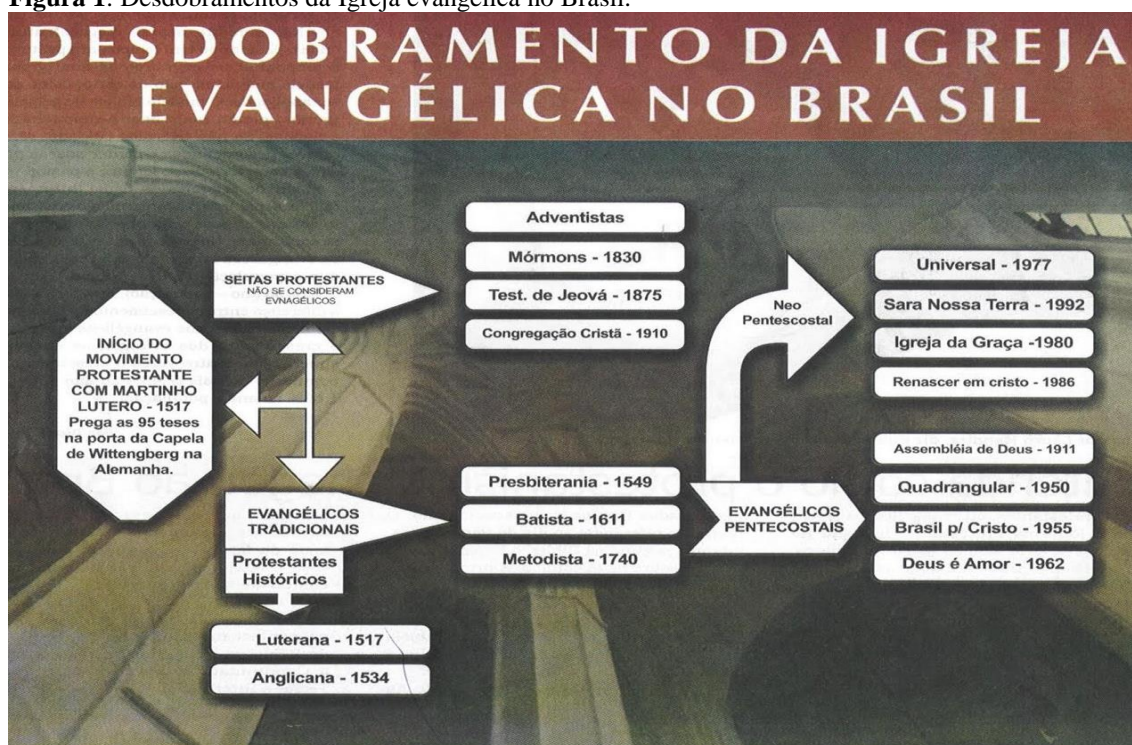
(como a missa e até mesmo o batismo). O mundo cristão europeu cinde-se de alto a baixo em novas ortodoxias (luteranismo, calvinismo, anglicanismo, puritanismo) e em novas heterodoxias (anabatistas, menonitas, quakers, os "cristãos sem igreja"). (CHAUÍ, 1987, p. 63)

A partir destas críticas, vários estudiosos passaram a fazer traduções das escrituras, de modo que estas pudessem ser lidas por uma parcela mais considerável da população. Seguindo-se ao movimento iniciado por Lutero, outros movimentos com vistas a “reformatar” o cristianismo surgiram, entre eles podemos citar Calvino, que iniciou o chamado calvinismo, o rei Henrique VIII da Inglaterra, iniciando o anglicanismo, além de Zuínglio, reformistas marginais, como os anabatistas, entre outros. Segundo Matos (2011):

Os reformadores não estavam buscando inovar, mas restaurar antigas verdades bíblicas que haviam sido esquecidas ou obscurecidas pelo tempo e pelas tradições humanas. Sua maior contribuição foi chamar a atenção das pessoas para a importância das Escrituras e seus grandes ensinamentos, especialmente no que diz respeito à salvação e à vida cristã. Para que as Igrejas Evangélicas atuais possam manter-se fiéis à sua vocação, é preciso que julguem tudo pelas Escrituras, acolhendo o que é bom e lançando fora o que é mau.

Do início dos movimentos reformistas, ou protestantes, até os dias de hoje, muitos desdobramentos ocorreram, gerando novas igrejas e seitas. Segundo esquema representado abaixo:

Figura 1: Desdobramentos da Igreja evangélica no Brasil.



Fonte: SOUZA, Argemiro Rodrigues de. Desdobramentos da igreja evangélica no Brasil. In: PRIMEIROS passos para filosofar. Disponível em: <<http://passosparafilosofia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 06 nov. 2013.

Atualmente, os fiéis das igrejas e seitas surgidas a partir destes primeiros movimentos protestantes são denominados evangélicos. Segundo Fernandes et al. (1998) a literatura especializada divide ainda os evangélicos em dois grandes grupos: históricos (ou tradicionais) e pentecostais. Os evangélicos históricos – luteranos, presbiterianos, anglicanos, batistas e metodistas – surgiram na Europa entre a Reforma do século XVI e o final do século XX. Já os evangélicos pentecostais surgiram a partir do século XX. “Há também determinadas ênfases doutrinárias que diferenciam evangélicos históricos e pentecostais” (FERNANDES et al., 1998, p. 7), como a crença dos últimos em curas e milagres realizados cotidianamente, através do Espírito Santo, por exemplo.

Ao início do século XIX, o protestantismo começa sua penetração em solo brasileiro. A entrada foi deveras facilitada, pois, segundo Mendonça e Velasques Filho (1990), não só o Brasil, como toda a América Latina, admirava os modelos anglo-saxões de pensamento e progresso que os colocavam em um patamar acima do resto do mundo na época. Neste contexto, o comércio inglês e a agricultura germânica se tornaram objeto de desejo no que tange ao surto de modernização. Sendo assim, era normal a tentativa de assimilação de ideias e práticas que tornaram os anglo-saxões referência em progresso e líderes do mundo. Por meio desta brecha, o universo protestante adentrou as terras tupiniquins, fato que, também segundo Mendonça e Velasques Filho (1990), foi facilitado pelo distanciamento entre o Estado monárquico liberal e a Igreja Católica, aqui já presente.

Mendonça e Velasques Filho (1990) defendem que os ideais da religião protestante chegaram ao Brasil não por meio dos ingleses ou outro povo europeu, mas sim por intermédio dos norte-americanos. Isso ocorreu porque os europeus procuravam se apoderar unicamente dos mercados disponíveis além-mar, objetivando comercializar seus produtos. Os norte-americanos, inteligentemente, aproveitando a brecha produzida, objetivaram não a sua fixação em curto prazo em novos espaços geográficos, mas sim a fixação em longo prazo de aspectos culturais, que trariam benefícios óbvios ao seu sistema no futuro. Entretanto, o discurso introduzido pelos norte-americanos era de que se julgavam os possuidores da missão divina de levar os benefícios do Reino de Deus na Terra aos povos mais atrasados, o que era o caso do Brasil desde muito antes da época em questão.

Abordando aspectos relacionados à leitura, podemos dizer que o Brasil, adepto dos ideais progressistas, ansiava por um modelo educacional mais eficiente que o trazido pelos jesuítas. Ainda segundo Mendonça e Velasques Filho (1990), para que o país saísse do tradicionalismo

e pudesse alcançar o patamar das nações mais avançadas precisaria aderir ao mesmo esquema, sendo necessário entrar no caminho da educação pragmática, com foco na ciência e na técnica. Surge então, uma demanda por alteração dos aspectos culturais inerentes ao nosso povo, visando de fato um progresso com relação à disponibilidade de conhecimento, já que a ótica católica na época restringia o acesso à informação. O protestantismo surge, então, como o detentor de uma alternativa ao modelo educacional tradicional, este que, já havia muito tempo, não estava agradando aos liberais. É relevante para o caso, frisar que a elite liberal brasileira não estava interessada no modelo religioso em questão, pouco se importando com suas teorias. Os missionários norte-americanos do protestantismo foram acolhidos no Brasil como arautos do liberalismo e do progresso somente pelo senso de oportunidade. Sendo assim, comprova-se que no período em questão existiu certa diferenciação com relação ao incentivo ao estudo, e conseqüentemente à leitura, no que tange aos ideais promulgados por ambas as religiões, a católica e a protestante. Sintetizando, a metodologia protestante disseminou um maior interesse na leitura do que a abordagem da Igreja Católica.

3.2 A RELIGIÃO E A LEITURA

A leitura é essencial para o aprendizado e para a convivência do homem na sociedade, à medida que permite que este compreenda melhor o ambiente e a cultura em que vive, gerando reflexões e reações ao seu entorno. Segundo Manys (2010, p.2):

O ato de ler pode fornecer ao leitor o acesso às informações, à ampliação do vocabulário, o desenvolvimento da criticidade e o interesse na busca pelo conhecimento sobre assuntos variados que, além de instigar o leitor a pensar criticamente sobre diversas questões, pode impulsionar suas relações sociais.

Ao se ler um texto é estabelecido um diálogo entre nossas vivências e opiniões pessoais e as visões e fatos apresentados neste, ou seja, cada indivíduo, com diferentes experiências de vida e, até mesmo diferentes leituras anteriores, terá diferentes interpretações e atribuições de significados diferentes para um mesmo texto.

Ler é reformular esses significados tantas vezes quantas forem necessárias a partir do encontro entre novas ideias e opiniões [...] Cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, tornando a leitura única, incapaz de se repetir, e este é o seu grande encanto. (BRITO, 2010, p.2).

Deste modo, a interpretação da Bíblia – conjunto de textos que contém as doutrinas e orientam o comportamento dos cristãos – pode ser variada de acordo com o leitor, no caso, o fiel, que a ler. O que geraria diferentes visões da mesma igreja e da mesma religião.

Segundo Ferreira (2012), ao abordarmos elementos da história da leitura, temos a afirmação de um de seus proponentes que “os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos” (CHARTIER, 2002, p. 61-62). Isso quer dizer que os textos dependem de seus meios de transmissão física, sejam eles impressos ou digitais. Também de acordo com Ferreira (2012), esses “suportes materiais” exercem influência na recepção da mensagem.

O texto bíblico, obviamente antigo, deve ser traduzido e adequado para que cada povo entenda da melhor forma possível a mensagem em questão. Este papel seria responsabilidade do editor. Sendo assim, cabe à edição acrescentar complementos ao conteúdo já existente, como

“introduções aos livros bíblicos com explicações relativas à autoria, data, local de composição e estrutura da obra; notas marginais explicativas que podem trazer informações sobre aspectos históricos, sociais, gramaticais, teológicos e doutrinários de determinadas passagens; concordância bíblica com indicação de textos onde ocorrem termos importantes; mapas etc. Estes seriam denominados elementos paratextuais, ou seja, exteriores ao texto” (FERREIRA, 2012, p. 220).

Seguindo esta lógica, são produzidas as Bíblias de estudo, que tendem a incentivar a leitura, já que, através de seus paratextos, teoricamente, busca-se esclarecer pontos de difícil ou variadas interpretações. Obviamente, quando produzida por editora com vínculos religiosos, a edição adota marcas de sua doutrina, a qual deve ser transmitida aos leitores.

Um bom exemplo do tipo de material supracitado são as Bíblias de Estudo que produzidas por doutrinários das várias religiões, contam com vários elementos paratextuais, entre eles as notas marginais, que se subdividem em: expositivas, que explicam o significado da palavra, de frases e versículos; teológicas, que definem e explicam as grandes doutrinas e verdades bíblicas; devocionais, que salientam a importância dos fiéis manterem-se em comunhão profunda com Deus; éticas, que chamam o leitor às práticas de retidão divina; e práticas, que são notas de conteúdo edificante para a vida cotidiana do crente. (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2005 apud FERREIRA, 2012).

Conforme Philippe Lejeune (1975 apud GENETTE, 2009) paratexto é uma “franja do texto impresso que, na realidade, comanda toda a leitura”. Então, como os paratextos possuem

devida influência por toda a leitura, a mesma costuma ser tendenciosa, visando à aceitação dos ideais da religião que os aplica no decorrer do texto. Dessa forma, é possível que uma religião que incentiva à leitura de sua Bíblia de estudo não esteja simplesmente deixando que os crentes interpretem os textos bíblicos sob seus próprios pontos de vista, mas sim, se utilizando desta obra consagrada para incutir sua doutrina, que encontraria um maior nível de aceitação, justamente por estar vinculada em meio à Bíblia. E por este advindo, alguns fiéis talvez não distingam a diferença entre as duas obras.

Os protestantes, desde sua chegada em meados do século XIX até o início da década de 80, praticavam a leitura da Bíblia e já possuíam às suas interpretações particulares. Segundo Ferreira (2012), o leitor se relacionava com um texto aberto, ou seja, teoricamente livre de inserções ou interpretações pré-moldadas. Com o aparecimento das bíblias de estudo, esse cenário começa a se alterar. O texto bíblico passa a trazer consigo paratextos que buscam orientar seu sentido, minimizando, ou até mesmo eliminando, a possibilidade de interpretações diferentes das pretendidas pelas entidades.

Algumas dessas entidades, por um lado, atuam como incentivadoras da leitura, o que de certo modo se mostra vantajoso para permitir a reflexão de seus seguidores, entretanto, essa capacidade de reflexão é lesada dependendo da obra visada. No caso das bíblias de estudo, incluindo a BEP, citada ao longo do texto, a inserção costuma ser tão intensa que prejudica o exercício de análise e questionamento por parte do crente que, ainda segundo Ferreira (2012), “tem contato com fragmentos dos textos bíblicos, carecendo de uma leitura linear e contínua”.

4 METODOLOGIA

A hipótese de pesquisa a ser considerada para efeito de teste foi a de que as religiões, por meio de seus métodos e conceitos diferenciados influenciam de modos distintos os hábitos de leitura dos fiéis. Em contrapartida, a hipótese alternativa adotada nos diz que não há influência alguma nesses hábitos causada por advento da escolha religiosa.

O primeiro passo neste ponto do trabalho foi a definição clara da população a ser considerada na pesquisa. Esta foi delimitada, então, pelos fiéis que residem atualmente no município do Rio de Janeiro.

O foco de estudo, delimitado nas igrejas católicas, evangélicas tradicionais e evangélicas pentecostais, foi embasado no Censo realizado pelo IBGE no ano de 2010 (Ver o ANEXO II) que quantifica as religiões com maior representatividade numérica no universo de crenças aqui identificadas.

Devido à grande quantidade de elementos integrantes desta população, fiéis das três religiões anteriormente citadas, tornou-se necessária a delimitação de uma amostra, que buscaria representar informações acerca do todo.

Neste caso, a amostra adotada foi classificada como não-probabilística por acessibilidade ou conveniência, o que significa que foi do tipo não aleatória e que se justifica pela facilidade dos contatos que servirão para coletar evidência empírica para o presente estudo. No total, foram respondidos 27 questionários por cada um dos 3 grupos, somando um total de 81 respondentes. Além disso, foram consideradas amostras contendo o mesmo número de elementos para cada religião pesquisada, buscando estudá-las caso a caso.

Nesta pesquisa os respondentes foram classificados por gênero, idade, nível de escolaridade, tipo de igreja que frequentam, entre outros. Isso se mostrou necessário para determinar, se for o caso, se existem outras variáveis exercendo a influência que é o objeto de estudo.

Para a coleta de dados, foi desenvolvido um questionário contendo perguntas quantitativas, consideradas úteis para a delimitação do perfil dos respondentes, e qualitativas, que pretendem levantar atitudes e opiniões do entrevistado. As perguntas objetivam identificar razões ou padrões de comportamento que levem o entrevistado a seguir determinado tipo de conduta.

O questionário, que pode ser visualizado no ANEXO I, envolveu um tempo médio de preenchimento de cerca de cinco minutos, estimado com base na aplicação de testes prévios. Possui onze perguntas fechadas, em que o entrevistado só pode escolher uma única alternativa; uma pergunta do tipo múltipla-escolha, em que se pode marcar várias alternativas concomitantemente, e uma pergunta aberta, em que o entrevistado é livre para escrever sua resposta.

O questionário está dividido em três grupos de perguntas: as relacionadas à religião (cinco perguntas), as relacionadas à leitura (cinco perguntas) e aquelas relacionadas à demografia (três perguntas). A distribuição das perguntas nos grupos citados está especificada no ANEXO I. O foco deste projeto se refere apenas às relações entre religião e leitura. Os dados demográficos foram efetivamente coletados e poderão ser úteis para futuras análises, não abordadas neste trabalho.

Obtidas as respostas através da aplicação dos questionários, as ocorrências foram digitalizadas, constituindo, assim, uma base de dados que fornecerá insumos para a análise e consequente interpretação dos resultados.

A verificação estatística das hipóteses de pesquisa envolverá o Teste do qui-quadrado, (2010), que tem por objetivo determinar se existe associação entre duas variáveis – nominais ou numéricas (MORETTIN; BUSSAB, 2010).

Para aplicar o teste, foi utilizado o programa SPSS. Seguindo a prática dos testes de hipóteses, foram escolhidos níveis de significâncias de, no máximo, 10%. Segundo Morettin e Bussab(2010), a significância é um indicador que se refere ao nível de exatidão do teste: quanto menor este nível, menos se erra ao afirmar determinado resultado. Deste modo, a interpretação dos resultados seguiu o seguinte roteiro: em determinado nível de significância, se o teste do qui-quadrado rejeita a independência entre as duas variáveis, isso indica uma evidência significativa de associação entre as mesmas; se o teste do qui-quadrado aceita a independência, não existe evidência de associação entre essas variáveis.

5 RESULTADOS

No Quadro, apresentado abaixo, verificam-se evidências de associação entre as seguintes variáveis: ato de frequentar a igreja e a leitura da Bíblia por conta própria; igreja que frequenta e a participação em rodas de leitura e discussões; igreja que frequenta e acesso a sites como fonte de leitura; quantidade de familiares que frequentam a igreja e a utilização de jornais como fonte de leitura e; a influência dos pais na escolha religiosa e a utilização de jornais como fonte de leitura.

Quadro 1: Associações entre Religião e Hábitos de Leitura.

Hábitos de Leitura / Religião	Igreja	Tempo que frequenta esta Igreja	Quantos familiares frequentam a mesma Igreja	Pais influenciaram na escola da religião?	Quem influenciou na escola da Igreja
Frequência Consulta Bíblia Por Conta Própria	0% < 5 Significativo < 1%	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo
Participação em Rodas de Discussão	0% < 5 Significativo < 1%	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo
Leitura de Jornais	Não Significativo	Não Significativo	0% < 5 Significativo < 5%	0% < 5 Significativo < 10%	Não Significativo
Leitura de Revistas	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo
Leitura de Livros de Ficção	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo
Leitura de Livros de não-Ficção	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo
Leitura Sites e Blogs	0% < 5 Significativo < 10%	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo	Não Significativo

Fonte: Autoria própria

5.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A partir dos resultados obtidos pela aplicação dos questionários, as associações onde evidências foram encontradas serão analisadas separadamente para que possamos determinar como a influência entre as variáveis qualitativas ocorre. Para a presente análise, as duas primeiras associações, são as mais relevantes, por este motivo serão mais profundamente analisadas, seriam estas a relação entre o grupo religioso e a leitura da Bíblia e textos religiosos, e a relação entre o grupo religioso e a participação em rodas de leitura e discussão.

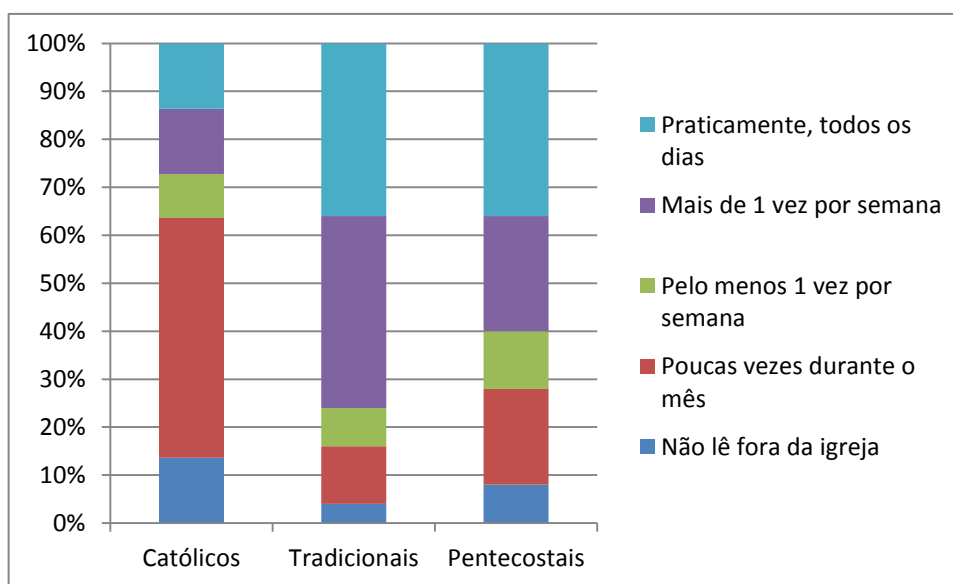
5.1.1 Igreja que frequenta e a leitura da Bíblia por conta própria

Estas duas variáveis apresentam uma ligação bastante significativa. A igreja frequentada parece realmente influenciar os hábitos de leitura do indivíduo, no que diz respeito a textos religiosos. Na Tabela 1 são mostrados o número de respondentes e as frequências de ocorrência cruzada das duas variáveis. O gráfico de barras, representado na Figura 2, ilustra o resultado e a comparação entre os três grupos religiosos pesquisados. No gráfico é possível visualizar o percentual de ocorrência da variável frequência de consulta à Bíblia dependendo da religião praticada.

Tabela 1: Frequências e percentagens da relação entre o grupo religioso frequentado e a frequência de leitura da Bíblia e outro textos religiosos.

Frequência com que consulta a Bíblia por conta própria	Católicos	Evangélicos Pentecostais	Evangélicos Tradicionais	Total
Não lê fora da Igreja	5 18,5%	1 3,8%	1 3,8%	7 8,8%
Poucas vezes durante o mês	13 48,1%	6 23,1%	3 11,1%	22 27,5%
Pelo menos uma vez por semana	3 11,1%	3 11,5%	3 11,1%	9 11,3%
Mais de uma vez por semana	3 11,1%	7 26,9%	11 40,7%	21 26,3%
Praticamente, todos os dias	3 11,1%	9 34,6%	9 33,3%	21 26,3%
Total	27 100%	26 100%	27 100%	80 100%

Fonte: Autoria própria

Figura 2: Gráfico Religião x Frequência de leitura da Bíblia.

Fonte: Autoria Própria

Deste modo, verifica-se que 64% dos praticantes da religião católica acessam a Bíblia poucas vezes durante o mês ou nem ao menos leem fora da igreja, em comparação com 16% dos evangélicos tradicionais e 28% dos pentecostais. Segundo o mesmo gráfico, notamos que 27% dos religiosos católicos leem a Bíblia praticamente todos os dias ou mais de uma vez por semana, sendo que os evangélicos tradicionais chegam a 76% neste mesmo quesito e os pentecostais a 60% de leitores assíduos.

Pela evidência apresentada pode-se concluir que os religiosos evangélicos possuem hábitos de leitura bem diferentes em relação aos religiosos católicos, havendo, ainda, certa diferença entre os evangélicos tradicionais, mais assíduos, e os pentecostais.

Tais dados confirmam que ainda existe uma diferença significativa entre as religiões católica e evangélicas no que diz respeito ao incentivo à leitura por conta própria da Bíblia e de outros escritos religiosos pelos fiéis.

5.1.2 Igreja que frequenta e participação em rodas de leitura e discussões

Esta relação também se mostrou significativa, além de ser uma das mais importantes para o presente estudo. A Tabela 2 mostra as frequências e percentagens desta relação. Da mesma

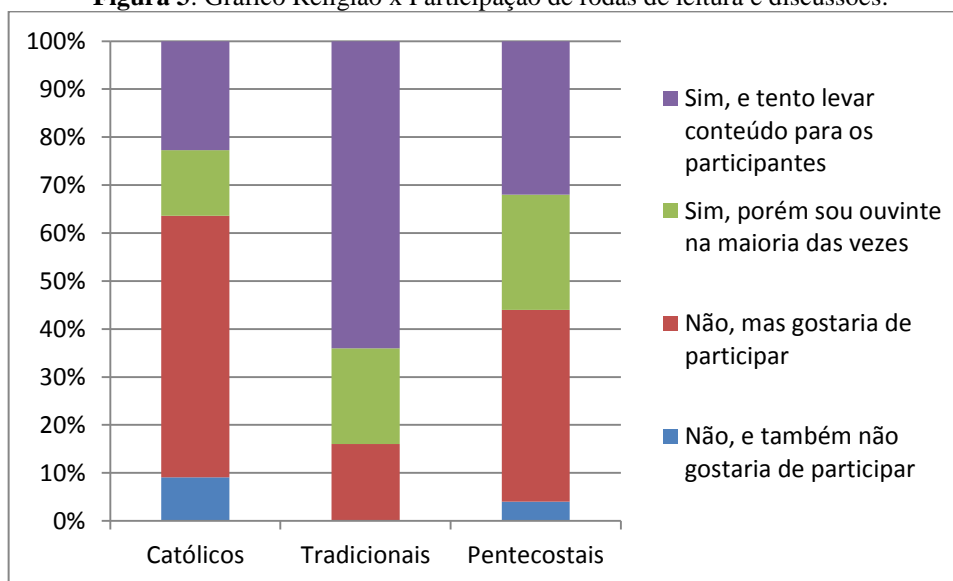
forma que na anterior, esta também foi representada através de um gráfico de barras, Figura 3, com o mesmo objetivo de facilitar a visualização e o entendimento da situação.

Tabela 2: Frequências e percentagens da relação entre o grupo religioso frequentado e a participação em rodas de leitura e discussão dentro da Igreja.

Participação em Rodas de Leitura e discussão dentro da Igreja	Católicos	Evangélicos Pentecostais	Evangélicos Tradicionais	Total
Não e nem gostaria de participar	3 11,5%	1 3,7%	0 0%	4 5%
Não, mas gostaria de participar	13 50%	9 33,3%	5 18,5%	27 33,8%
Sim, apenas como ouvinte	4 15,4%	8 29,6%	6 22,2%	18 22,5%
Sim, participa e leva conteúdo para a discussão	6 23,1%	9 33,3%	16 59,3%	31 38,8%
Total	26 100%	27 100%	27 100%	80 100%

Fonte: Autoria própria

Figura 3: Gráfico Religião x Participação de rodas de leitura e discussões.



Fonte: Autoria própria

Pelos dados obtidos podemos perceber que 61,5% dos praticantes da religião católica não participam de rodas de leitura ou discussões, apesar de 50% destes possuírem vontade de trocar experiências desta forma. Neste mesmo quesito, notamos que 37% dos evangélicos

pentecostais não participam destas formas de interação entre os praticantes, entretanto, com relação aos evangélicos tradicionais, obtivemos o resultado de que apenas 18,5% não participam destas trocas de experiências em grupo, através de rodas de leitura e discussões.

Novamente, percebemos que os evangélicos possuem hábitos de leitura em grupo e discussões mais desenvolvidos que os católicos, sendo que, também nesta relação, houve destaque para os evangélicos tradicionais, com 81,5% de seus praticantes participando destas experiências, contra 63% dos evangélicos pentecostais. A alta frequência de respondentes católicos que declararam que gostariam de participar deste tipo de dinâmica indica uma certa falha nas igrejas em estimular a discussão e interpretação. Essa falha pode decorrer da característica histórica desta religião, que não costumava incentivar a interpretação pessoal dos textos religiosos, diferentemente das Igrejas evangélicas (antigamente chamadas “protestantes”), que tinham como princípio a interpretação individual dos escritos religiosos.

5.1.3 Demais associações

Dentre as inúmeras relações potencialmente existentes entre as variáveis cujos dados foram coletados nos questionários, apenas em cinco relações foi rejeitada a independência, ou seja, foram encontradas cinco associações entre religião e hábitos de leitura, duas já analisadas anteriormente.

Verificou-se que a associação entre os grupos religiosos e a leitura de *sites* e *blogs* pode ter ocorrido devido a um viés na amostra, recolhida por conveniência de acesso: de fato, os respondentes do grupo dos evangélicos tradicionais possuíam idade superior aos demais respondentes, podendo justificar o baixo índice de leitura de *sites* e *blogs* neste grupo, já que, geralmente, os materiais digitais são mais utilizados pelos mais jovens, sendo comum que os mais velhos nem mesmo tenham familiaridade com este tipo de material.

As associações entre a leitura de jornais e a quantidade de parentes frequentando a mesma igreja, bem como a relação entre a leitura de jornais e a influencia dos pais na escolha da religião, precisariam ser estudadas mais a fundo para que se entendam seus determinantes. No entanto, pode-se argumentar que essas associações são pouco relacionadas ao objetivo do trabalho, de forma que não serão analisadas aqui. Uma possível razão para essa associação seria o fato de que, assim como a escolha religiosa de um indivíduo costuma ser influenciada pelos familiares mais próximos - por exemplo, os pais - os jornais também são, geralmente,

comprados e lidos no domicílio por toda a família, de tal modo que a leitura de jornais também é influenciada pelo membro da família que possivelmente o compra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto à finalidade, a pesquisa aqui realizada é classificada como explicativa, pois busca – além de observar, registrar e analisar determinado fenômeno – testar a influência da religião escolhida sobre os hábitos de leitura em uma amostra da população da cidade do Rio de Janeiro. Em outras palavras, através de teorização e reflexão, fundamentadas em fontes bibliográficas e históricas, objetiva-se explicar os resultados estatísticos obtidos.

Mediante o presente estudo, foi possível perceber que há uma clara diferença entre os fiéis das Igrejas Católica e Evangélicas no que diz respeito à leitura religiosa. Por exemplo, entre os respondentes evangélicos, a leitura da Bíblia e outros textos relativos à religião foi bem mais intensa do que entre os católicos. Assim, pode-se concluir, que a diferença histórica com relação à leitura é mantida, ou seja, as religiões desdobradas do protestantismo tendem a incentivar à leitura e interpretação dos textos escritos, enquanto que a religião católica parece não enfatizar esse aspecto, como indica o alto nível de fiéis desta religião declarando que não participam de nenhuma roda de leitura ou grupo de discussão na Igreja.

Além disso, não foi evidenciada nenhuma relação entre os grupos religiosos estudados e a leitura de outros tipos de material. Uma conclusão adicional interessante é o fato de que, em termos de textos laicos, o índice de leitura é alto, já que mais de 90% do total dos respondentes declararam que têm o hábito de ler materiais além dos textos religiosos.

REFERÊNCIAS

BRITO, Danielle Santos de. A Importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**, Praia Grande, ano 4, n. 8, p. 1-35, jun. 2010.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002. 144p.

CHAUI, Marilena. Filosofia moderna. In: _____. **Primeira Filosofia**: aspectos da história da filosofia. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 60-81.

FERNANDES, Edite Manuela da G.P. Teoria da Amostragem. In: _____. **Estatística aplicada**. Braga: Universidade do Minho, 1999. p.1-6.

FERNANDES et al. **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. 264p.

FERREIRA, João Cesário Leonel. **A formação do leitor religioso**: pentecostais e leitura no Brasil. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 217-226, 2012.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. 373p.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio de língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222p.

LENZENWEGER, Josef *et al.* **História da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2006. 394p.

MANY, Heliton. A Importância da leitura para o aprimoramento da escrita no ensino médio. **Revista Eletrônica**, Ibaiti, v.8, 2010. Disponível em: http://www.feati.com.br/revista/revista_eletronica.php?volume=8. Acesso em: 26 nov. 2013.

MATOS, Alderi Souza de. **A Reforma protestante do século XVI**. 2011. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/6962.html>. Acesso em: 19 jul. 2013. Não Paginado.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990. 279p.

MORETTIN, Pedro A.; BUSSAB. Wilson O. **Estatística básica**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. 550p.

SOUZA, Argemiro Rodrigues de. Desdobramentos da igreja evangélica no Brasil. In: **PRIMEIROS passos para filosofar**, [20—]. Disponível em: <http://passosparaafilosofia.blogspot.com.br/>. Acesso em: 06 nov. 2013.

SANTOS, Ademir Valdir dos. Educação e colonização no Brasil: as escolas étnicas alemãs. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v.42, n.146, p.538-561, maio/ago. 2012.

ANEXOS

ANEXO I: Questionário

1. Que Igreja você frequenta? (denominação)

2. Há quanto tempo você frequenta esta igreja?

- a. Mais de 20 anos;
- b. De 10 a 20 anos;
- c. De 6 a 9 anos;
- d. De 5 a 5 anos;
- e. Menos de 2 anos.

3. Qual a sua idade?

- a. De 15 a 19;
- b. De 20 a 24 anos;
- c. De 25 a 34 anos;
- d. De 35 a 44 anos;
- e. De 45 a 54 anos;
- f. 55 anos ou mais.

4. Sexo:

- a. Masculino
- b. Feminino

5. Qual o seu grau de escolaridade?

- a. Fundamental incompleto;
- b. Ensino Fundamental completo, médio incompleto;
- c. Ensino Médio completo – superior incompleto;
- d. Ensino Superior completo.

6. Além de você, outras pessoas de sua família também frequentam esta ou outra igreja desta mesma religião?

- a. Sim;
- b. Não.

7. Se Sim, quantas pessoas de sua de sua família são membros desta mesma religião?

- a. 1;
- b. 2;
- c. 3 ou mais.

8. Seus pais influenciaram na escolha de sua religião?

- a. Sim, ambos;
- b. Sim, minha mãe;
- c. Sim, meu pai;
- d. Não.

9. Com que frequência você consulta a Bíblia ou outros textos religiosos por conta própria?

- a. Praticamente, todos os dias;
- b. Mais de 1 vez por semana;
- c. Pelo menos 1 vez por semana;
- d. Poucas vezes durante o mês;
- e. Não lê fora da igreja.

10. Como você recebe o que o pastor/padre fala ?

- a. Sem questionar;
- b. Aceito, mas tento entender o porquê das coisas;
- c. Sempre procuro entender os significados das palavras ditas antes de aceitar.

11. Você participa de rodas de leitura e/ou discussão da Bíblia?


- a. Sim, e tento levar conteúdo para os participantes;
- b. Sim, porém sou ouvinte na maioria das vezes;
- c. Não, mas gostaria;
- d. Não, e também não gostaria de participar.

12. Além de material de cunho religioso, você tem o hábito de ler ou consultar outras coisas?


- a. Sim;
- b. Não.

13. Se Sim, quais? (marcar todos que costuma ler ou consultar)

- a. Jornais;
- b. Revistas;
- c. Livros de ficção;
- d. Livros de não ficção;
- e. Sites e blogs.

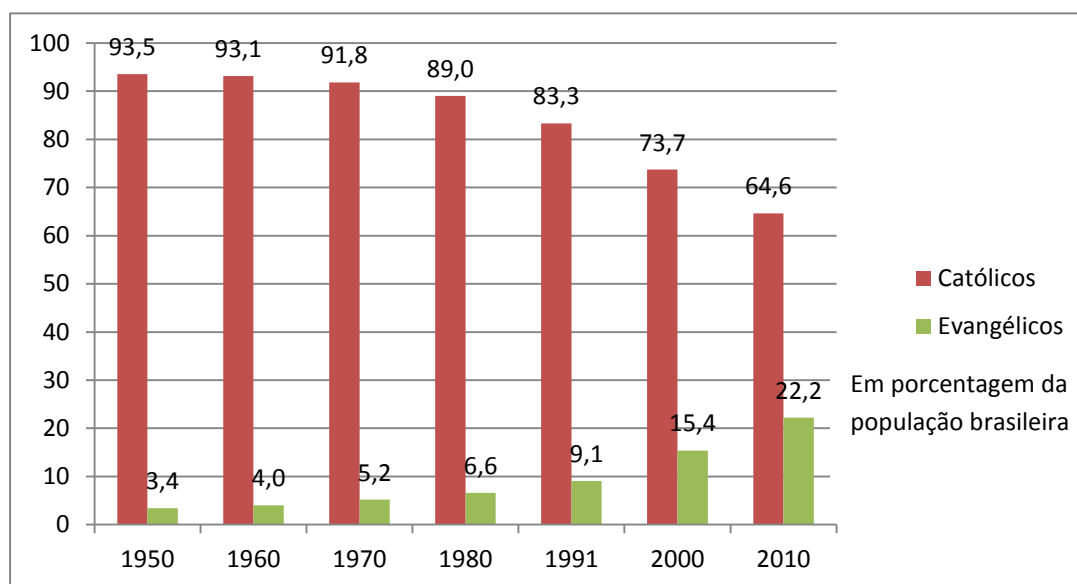
 Questões relativas à religião

 Questões relativas à leitura

 Questões relativas à dados demográficos

ANEXO II: Estatística IBGE

Ano	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Católicos	93,5%	93,1%	91,8%	89,0%	83,3%	73,7%	64,6%
Evangélicos	3,4%	4,0%	5,2%	6,6%	9,1%	15,4%	22,2%



Fonte: Elaborado a partir dos Censos do IBGE (1950 a 2010) Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm>